

Abel Neves

TEATRO

CLUBE DOS PESSIMISTAS

CRUZEIRO

ESTE OESTE ÉDEN

FLORES PARA MIM

NUNCA ESTIVE EM BAGDAD

OLHANDO O CÉU ESTOU EM TODOS OS SÉCULOS

PURGATÓRIO

QUERIDO CHE



2015

ÍNDICE

CLUBE DOS PESSIMISTAS	7
CRUZEIRO	45
ESTE OESTE ÉDEN	89
FLORES PARA MIM	141
NUNCA ESTIVE EM BAGDAD	179
OLHANDO O CÉU ESTOU EM TODOS OS SÉCULOS	215
PURGATÓRIO	265
QUERIDO CHE	299
Obras de Abel Neves	365

CLUBE DOS PESSIMISTAS

Estreia no Teatroesfera, Queluz, Setembro de 2010

Direcção: Paula Sousa

Interpretação: Diogo Mesquita, Marta Paulino, Paulo Duarte Ribeiro
e Peter Michael

Produção: Teatroesfera

PERSONAGENS

HILÁRIA

BAMBINA

FANECO

CATATUA

CENA 1

Um decadente, soturno, velho, acanhado e estranho clube com caixas de diversos tamanhos nas quais se pode ler “ar export”, artefactos vários de costura, candeeiros, chapéus, frascos, tecidos, artigos chineses. Há uma placa com os seguintes dizeres: “A Funerária – clube de consultores, loja, vinhos e petiscos do pior”. Nas paredes há estranhas tubagens prateadas, de várias espessuras, semelhantes a condutas de ar condicionado de onde poderão esgueirar-se de vez em quando uns fuminhos. Ouve-se, não muito presente, o som de uma maquinaria antiga, que, a intervalos, suspende a laboração, voltando a ouvir-se e com intensidades de volume muito variáveis. A música desta maquinaria será, portanto, constante durante toda a peça, embora possa desaparecer de vez em quando. Um balcão em madeira carcomida, uma mesa de madeira ou ferro velho e duas cadeiras com aparato semelhante. Há duas secções no balcão, devidamente assinaladas: Vendas e Consultadoria. Atrás da secção “Vendas”, Hilária coloca pacientemente, uma a uma, uma série de fichas redondas numa peça fina e vertical. Bambina, que não vemos, está em baixo, atrás do balcão da secção “Consultadoria”.

HILÁRIA Tudo clientes que já se finaram. *Olhando a ficha que coloca na haste.* Felizardo Boa-Vida. Nem o nome o salvou. Pior, salvou-se o nome! Este Boa-Vida não era o gerente da empresa “Brisa a dar na venda”? *Breve pausa.* Acho que era. Um exemplo a seguir, sim senhora! Montar um parque eólico onde nem sequer os pardais conseguem bater a asa, é obra! *Antes mesmo de Bambina, um espanador do pó aparece atrás do balcão.* Sem vento os pardais não batem a asa?! Acho que disse mal. Credo! Estás a tirar o pó?!

BAMBINA *Aparecendo.* Não estou a tirar. Estou só a atirá-lo para outro lado.

HILÁRIA Estremeci. Pensei que tivesses a cornija avariada.

BAMBINA Nããã, não te aflies. A minha cabecinha continua um ornamento sem graça, mais oca que uma noz sem miolo. E não me vou eclipsar.

HILÁRIA Fico aliviada. Uma pessoa nunca sabe quando é que elas acontecem. Eu, só eu, como poderia pessimizar a vidinha?

BAMBINA Mas antes sozinhas e separadas do que juntas e mal paradas! Dantes partilhávamos a alma, partilhávamos o espírito, o coração e era horrível. Estávamos unidas. Éramos unha com carne.

HILÁRIA O pessimismo separou-nos.

BAMBINA É, agora somos missionárias. Já tinhas pensado deste modo, missionárias do pessimismo? *Hilária diz que não, acenando com a cabeça.* Garantimos o serviço mais adequado a todos os que nos procuram e que pretendem trabalhar mal e cada vez pior, e na defesa do enérgico princípio pessimista: em frente está o abismo. Avancemos!

HILÁRIA O Faneco? Pontualidade não é com ele.

BAMBINA Se fosse só a pontualidade.

HILÁRIA Também ainda não são horas. Ainda não abrimos.

BAMBINA Ainda não abrimos porque eu ainda não abri. Se tivesse aberto...

HILÁRIA Não abras já.

BAMBINA Vou abrir. *Entra Faneco com um molho de dossiês, papelada. É marreco. Expressão seca e séria.* Fala-se nele e o bicho aparece.

FANECO Bom dia sôra dona Hilária. Bom dia sôra dona Bambina. Chego atrasado?

BAMBINA Por acaso não, mas convinha, não é? Andamos nós a pregar o desarranjo na vida e o senhor Faneco chega sempre bem disposto e cumpridor.

FANECO Bem disposto, eu?!

HILÁRIA Não vamos discutir, mas é um facto que o senhor Faneco acaba de chegar com a boa disposição estampada no rosto.

FANECO Eu?!

BAMBINA Não lhe disseram já que não vamos discutir? Lembrem-se apenas que deverá manter a expressão seca e séria que a nossa missão profissional obriga. Essa patetice de quererem que o mundo ande sobre rodas, todos bem dispostos. Será que ainda não percebeu que os bem dispostos querem impor uma ditadura no mundo? *Faneco acena com a cabeça dizendo que não.*

HILÁRIO Não vamos discutir. Deixe aí os dossiês e desande.

FANECO *Pousando a papelada.* Lá fora os clientes fazem bicha.

BAMBINA Não tarda, abro. O ideal seria nunca abrir, mas há imperativos de uma outra ordem que não vale a pena sequer indagar. A coisa roça a filosofia, percebe, senhor Faneco? Os filósofos andam aí!

FANECO Percebo, sim, percebo muito bem.

HILÁRIA Diz que percebe, mas não percebe nada. É bom sinal. Quando para aqui entrou estava melhor. Estava, não estava?

FANECO Também creio que sim. Estava bastante melhor. São coisas que acontecem. Uma pessoa deixa-se influenciar e quando dá por ela está igualzinho aos outros. Aconteceu-me isso aqui, sim, porque sinto hoje que antes estava melhor, sim, e nem me faz impressão repetir isto mesmo, sim, eu estava melhor. Hoje sou capaz de ver com muita clareza que o pessimismo é a melhor coisinha do mundo, sim.

HILÁRIA A melhor coisinha do mundo, senhor Faneco?! A pior coisinha!

FANECO Isso, sim.

BAMBINO E acabe de vez com essa coisa de estar sempre a dizer sim!

FANECO Sim, sôra dona Bambina. Sabe como é, ele há coisas que estão no sangue, não conseguimos evitar.

BAMBINA Errado! Completamente errado! Se assim fosse não estaria a trabalhar no nosso clube. Ou estaria?

FANECO Realmente, a bem dizer, sim, não estaria, mas acho que vim porque se calhar está-me no sangue este meu gosto por trabalhar sem fé, mal e porcamente. Sinto-me hoje – posso confessá-lo e com todo o respeito o faço – sinto-me hoje, repito, um verdadeiro pessimista, sim.

HILÁRIA Tem a certeza?

FANECO Absoluta, sôra dona Hilária. Senti-me obrigado a sê-lo, fiz um esforço, a pulso, e cá estou um pessimista por afinidade. Não é essa a imperial e misteriosa missão a que está votada a empresa de vossas excelências, enformando o mundo social do mais vivo e duradoiro pessimismo?

BAMBINA Agradeço que não se ponha com florinhas de retórica porque o senhor Faneco não é um escravo. É bem pior do que isso. Está na classe da alforreca.

FANECO Da quê?!

BAMBINA E nem é por ter marreca!

HILÁRIA Não se interrogue, não é preciso estar sempre a interrogar-se. Aceite as coisas como elas são. Alforreca. É isso. O que é que tem de incompreensível que o faça logo interrogar-se?

BAMBINA Vou abrir a porta. Faneco, na minha ausência ocupe a secção.

FANECO *Indo para trás do balcão.* Muito bem. *Bambina sai.*

CENA 2

HILÁRIA Lá está o senhor Faneco a inclinar-se para o lado errado da vida. Então não seria melhor, perdão, pior, estar agora de joelhos dobrados, as costas curvadas, a calcetar um passeio lá na baixa da capital em vez de estar aqui na nossa santa terrinha atrás deste balcão miserável?

FANECO É verdade, sim.

HILÁRIA Então por que não está?

FANECO É a minha responsabilidade. Ela dita-me o que fazer ou o que não fazer. Não iria meter-me numa caldeirada dessas. Meti-me nesta. Sou assim desde que assumi este trabalho humilde e estou-lhe muito agradecido. Aqui não tenho futuro, é preciso ver. Vejo tudo negro, sem esperança, e fico espantado comigo próprio ao pensar como fui capaz de viver convencido de que a vida poderia ser bela. Coisas de gente optimista, é o que é! Filósofos!

HILÁRIA Ora diga outra vez.

FANECO Filósofos.

HILÁRIA Bem me pareceu. Ouviu mal e reproduz pior. Muito bem, senhor Faneco.

FANECO Muito bem?!

HILÁRIA Está no mau caminho, foi o que eu quis dizer. Às vezes sou traída. As palavrinhas nem sempre dizem o que pensamos. É uma chatice. Mas ainda bem, é um bom sinal... um péssimo sinal!

FANECO Eu o que faço às vezes – se me permite dizê-lo – é pensar pouco... pensar o estritamente necessário. Deste modo reduzimos bastante a possibilidade do erro. E é engraçado que sinto que piorei muitíssimo o meu discurso. Falo pouco, é o que é.

HILÁRIA E assim deve ser. Falar pouco e para dentro. Com monossílabos. Sabe o Faneco que tem uma tarefa espinhosa pela frente?

FANECO Tenho? Não fui informado.

HILÁRIO Não lê a tabela das iniciativas do clube!

FANECO Faço por aplicar eu próprio os mandamentos que vossas excelências propõem a todos os clientes que vêm solicitar ajuda no pioramento das suas actividades. O ideal é que uma empresa possa falir antes mesmo de abrir.

HILÁRIA Pois fica desde já a saber que terá uma tarefa espinhosa. Novo rumo pela frente. Deixaremos de exportar o ar condicionado. Aproveitaremos as tubagens.

FANECO Aproveitaremos as tubagens. E qual é a oportunidade de negócio? Encontraram um nicho de mercado?

HILÁRIA Faneco, venha aqui à minha secção. *Faneca olha-a por um tempo e depois avança para ela. Hilária toma-lhe o braço e depois a mão, acariciando-a.* Faneco por que é que já não tem olhinhos para mim? *Ele encolhe os ombros.* Dantes tinha. Era atencioso... chegou a trazer-me flores, ginjinha e bombons.

FANECO Ainda era um optimista, sôra dona Hilária. Depois casei. A sôra dona Hilária sabe que sou casado e a minha querida mulher, a minha catatua, espera sempre, sempre, por mim ao cair do dia, na saída da fábrica. Devia ser eu a esperar por ela, mas as coisas mudaram. Pioraram. Ela está desempregada e espera por mim, todos os dias espera por mim na saída da fábrica. Ainda acredita que os patrões lhe vão pagar o que devem.

HILÁRIA *Soltando-lhe a mão.* Não quero ouvir! Está proibido de trazer para o ambiente de trabalho os assuntos indecentes da sua privacidade.

FANECO Eu e a minha querida catatua costumamos fazer tudo na melhor das decências. Admito que não esteja a fazê-lo como manda a etiqueta pessimista. Ainda é uma coisa boa, admito, mas a tendência – segundo dizem – só pode ser para piorar. Pode ser caricato, mas não consigo deitar-me sem antes tomar um chuveirinho. Neste aspecto ainda não piorei.

HILÁRIA Mas vai precisar de piorar e não será com a sua catatua. *Agarra-lhe de novo a mão.* Faneco, não me deixe neste constante sufoco de esperar por si.

FANECO Quer recuar no tempo, sôra dona Hilária?

HILÁRIA Menina, trate-me por menina Hilária.

FANECO É que não me dá jeito, e também não quero criar incómodo à sôra dona Bambina que tem por si a estima de coração, o pior dos apreços. Ponha-se no meu lugar, sôra dona Hilária, seria capaz

de destroçar o amor da sôra dona Bambina?

HILÁRIA O amor deve ser posto à prova. Sabia?

FANECO Não sabia, não, sôra dona Hilária. E para quê? Eu cá com a minha catatua é amor e pronto. Não é preciso prova. Andamos para diante. Para trás, quero eu dizer.

HILÁRIA E sabe o que é?

FANECO O que é o quê?

HILÁRIA Isso do amor.

FANECO Ainda ando à procura de saber.

HILÁRIA Não procure. Não é preciso. Isso do amor é carne toca na carne, só isso. Espasmos! Tantos livros e livros, versos e mais versos, tratados!, e vai-se a ver, espasmos, espasmos musculares! Em frente está o abismo. Diga comigo.

FANECO Como?!

HILÁRIA Ó homem, é o nosso lema: em frente está o abismo...

FANECO Ah, sim! Avancemos!

CENA 3

Entra a Empresária, que olha em volta, observando bem as tubagens. Traz na mão um pingalim.

HILÁRIA Clube empresarial A Funerária, em que é que lhe posso ser útil? *Faneco dirige-se a uma das tubagens e bate-lhe, provocando uma agitação sonora e, logo, um abrandamento do ruído.*

EMPRESÁRIA Muito gosto. A vossa empresa foi-me recomendada pelo Ministério dos Assuntos Económicos e não hesitei. Quero piorar a performance da minha pequena e média empresa. São duas, quero dizer. Uma está ligada à outra. Import-Export. Funcionam mal e gostaria que funcionassem mais mal. Sei que há capital de fundos públicos para ser injectado nas piores empresas, em bancos, e gostaria de tentar a minha sorte.

FANECO Isto não vai lá com sorte, minha senhora. Os pobres banqueiros que o digam. São precisos anos e anos de estratégia. Pretende um serviço de consultadoria personalizado com ou sem cafezinho? Com cafezinho é aí na secção ao lado. Sem cafezinho é aqui mesmo. Em qualquer das secções o atendimento é péssimo, por

ABEL NEVES

OBRAS

Ensaio

*Alguers entre a resposta e a
interrogação.*

Poesia

Eis o amor a fome e a morte

Quasi Stellar

Úsnea.

Romance

Corações piegas

Asas para que vos quero

Sentimental

Centauros

Precioso

Cornos da Fonte Fria

*Lisboa aos seus amores [Felizes e
Aliança]*

Teatro

A caminho do oeste

A mãe e o urso

Ainda o último judeu e os outros

Além as estrelas são a nossa casa

Amadis

Amor-Perfeito

Amo-te

Arbor Mater

Atlântica

Atlântico

Clube dos pessimistas

Cruzeiro

El Gringo

Este Oeste Éden

Fénix e Kota-Kota

Finisterrae

Flor e cinza

Flores para mim

Inter-Rail

Jardim de estrelas

Jardim suspenso

Lobo-Wolf

Nero, Príncipe do universo

Nunca estive em Bagdad

*O Senhor de La Fontaine [em
Lisboa]*

*Olhando o céu estou em todos os
séculos*

Pertinho da Torre Eiffel

Provavelmente uma pessoa

Purgatório

Qaribó

Querido Che

Sabe Deus pintar o Diabo

Saloon Yé Yé

Supernova

Terra

Touro

*Ubelhas, Mutantes e
Transumantes*

Vulcão

Companhia das Ilhas | Títulos publicados

- Abel Neves, *Teatro*
- Alexandre Borges, *O boato. Introdução ao pessimismo*
- António Conde, *Fresco Bruegeliano. Dez estudos e um ensaio sobre dramaturgias portuguesas entre 1990 e 2010*
- António Cabrita, *Ficas a dever-me uma noite de arromba*
- Armando Almeida, *O Justiciero*
- Carlos Alberto Machado, *Estórias açorianas*
- Carlos Alberto Machado, Hélia Correia, Jaime Rocha, José Mário Silva, Margarida Vale de Gato e Miguel-Manso, *Poesia, Um Dia*
- Carlos Alberto Machado, *Teatro Reunido (2000-2010)*
- Carlos Alberto Machado, *Uma viagem romântica a Moscovo*
- Cristina Brito, *A viagem seguinte*
- Dimas Simas Lopes, *Porto do Mistério do Norte*
- Fátima Maldonado, *Lava de espera*
- Fernando Machado Silva, *Passageiros clandestinos*
- Gez Walsh, *A borbulha no rabo. Poemas terríveis para meninos terríveis* (versão portuguesa de Helder Moura Pereira)
- Gisela Cañamero, *Para Além do Muro/ Beyond the Wall*
- Helder Gomes Cancela, *O exercício da violência. A arte enquanto tempo*
- Helder Moura Pereira, *Eu depois inventei o resto*
- Henrique Manuel Bento Fialho, *Call Center*
- Inês Lourenço, *Ephemeras*
- Jácome Armas, *Conjunto Homem*
- Jaime Rocha, *O regresso de Orto*
- João Paulo Cotrim, *A minha gata*
- João Reis, *A noiva do tradutor*
- Jorge Aguiar Oliveira, *Ranço*
- Jorge Palinhos, *Parking; Tiago Patrício, Desmaterialização*
- José Alberto Ferreira, *Da vida das marionetas*
- José Alberto Ferreira, *Dos Autores formigueyros (vol. I)*
- José Amaro Dionísio, *Vidas caídas. Diário de um repórter na Amazônia*
- José Manuel Teixeira da Silva, *Música de Anónimo*
- José Pinto de Sá, *Os filhos de Mussa Mbiki*
- José Ricardo Nunes, *Confissões*
- Leonardo, *Âmbula*
- Luís Campião, *O menino da burra*
- Luís Carlos Patraquim, *O escuro anterior*
- Luis Maffei, *Signos de Camões*
- Madalena de Castro Campos, *O fardo do homem branco*
- Manuel Fernando Gonçalves, *A matriz e o canto oposto*
- Manuel Serpa, *Bom Combate*
- Manuel Tomás (org.), *Nunes da Rosa. Estudo e Antologia*
- Manuel Tomás, *Ainda há a chuva a cair*
- Manuel Tomás, *Maroiço*
- Manuel Tomás, *Picolândia*
- Maria da Conceição Caleiro, *Até para o ano em Jerusalém*
- Mário T Cabral, *Tratados*
- Marta Freitas, *Eis o Homem*
- Nuno Costa Santos (dir), *revista transeatlântico* (nº 0)
- Nuno Costa Santos, *Às vezes é um insecto que faz disparar o alarme*
- Nuno Dempster, *Na luz inclinada*
- Nuno Dempster, *O papel de prata, o reflexo e outros contos pelo meio*
- Onésimo Teotónio Almeida, *Minima Azorica. O meu mundo é deste reino*
- Paulo da Costa Domingos, *A morte dos outros*
- Paulo Ramalho, *Boca aberta*
- Pedro Eiras, *Bela Dona e outros monólogos*
- R. Lino, *Baixo-Relevo*
- Ricardo Neves-Neves, *A porta fechou-se e a casa era pequena*
- Rosalina Marshall, *Manucure*
- Rui Pina Coelho, *Às vezes quase me acontecem coisas boas quando me ponho a falar sozinho*
- Tiago Rodrigues, *Peça romântica para um teatro fechado*
- Urbano Bettencourt, *Outros nomes, outras guerras*
- Valério Romão, *Facas*

Companhia das Ilhas

colecção: azulcobalto | teatro

direcção de Rui Pina Coelho e Carlos Alberto Machado

Teatro, de Abel Neves

Edição 063

azulcobalto | teatro 012

1ª edição (Outubro de 2015 - 350 exemplares)

Paginação: companhiadasilhas.pt

Design: milideias.pt

Impressão e acabamentos: Europress – Lisboa

Fotografia da capa: Augusto Baptista (espectáculo *Este Oeste Éden*, de Abel Neves, produção A Escola da Noite, 2009, encenação de Sílvia Brito)

Depósito legal: 397462/15

ISBN: 978-989-8592-88-0